

26.ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTORIADORES DO MOVIMENTO OPERÁRIO (I.T.A.), Linz, Setembro de 1990

Por Victor de Sá

O sindicalismo depois da 2.ª Guerra Mundial foi neste ano um dos temas centrais da 26.ª Conferência Internacional de Historiadores do Movimento Operário, que decorreu em Linz (Austria). O outro tema ocupou-se do Movimento Operário e Religião.

A maioria dos historiadores presentes eram austríacos, alemães e de outros países europeus: da União Soviética, Hungria, Checoslováquia, Polónia, Jugoslávia, Holanda, Inglaterra, França, Finlândia, RDA, Suécia, Suíça, Itália, Grécia, Noruega, Dinamarca, Espanha e Portugal.

Dos outros continentes vieram representantes do Japão, Israel, China, Turquia, Índia, EUA, Egipto e Nigéria.

É de assinalar que alguns países da Europa do Leste viram as suas representações diminuídas. Mas pelo contrário, a Checoslováquia distinguiu-se com um aumento espectacular, de 3 no ano passado para 13 historiadores neste ano, assim como a RDA, que passou de 4 para 10 presenças. A Bulgária e a Roménia não enviaram ninguém. Mas a França também baixou a sua representação de 5 para 2 historiadores.

Posições do Movimento Operário no Mundo

Os historiadores do movimento operário trabalham numa ciência com muitos problemas. Hoje é preciso que se saiba tudo o que se passou desde 1917. Defende-se a liberdade absoluta e a independência relativamente aos Governos. O anti-fascismo como ponto de partida, a democracia e a paz como pontos de chegada — tudo isso foram considerações e objectivos sublinhados na Conferência. É preciso eliminar a orientação partidária nos Sindicatos.

A situação era diferente quando a 2.ª Guerra Mundial terminou. Em 1945, a Europa estava devastada. A vitória sobre o fascismo enchia de esperança a classe operária quanto às questões sociais. Havia um sentimento de falência do capitalismo, e era preciso que o sindicalismo subsistisse. Os comunistas apresentavam então um modelo como alternativa. Havia simpatia pela resistência anti-fascista dos Soviéticos. A opinião geral — e não apenas dos comunistas — no fim da Guerra era em favor da unificação sindical. Os sociais-democratas subscreveram também essa tendência unitária.

A conferência sindical de Setembro de 1945 em Paris teve uma grande importância, porque facilitou os contactos entre diferentes sistemas sociais, e esses contactos revestiram-se de um grande sentimento de respeito mútuo.

Os Sindicatos foram então os guardiões da classe operária.

Depois, as relações entre os Sindicatos e os Partidos políticos tornaram-se muito dependentes. A tendência para uma nova ordem produziu uma reacção conservadora nos Estados Unidos e na Europa. No Ocidente, os comunistas passaram a ser excluídos dos Sindicatos, enquanto a Leste o sindicalismo era todo de orientação comunista.

Dirigentes sindicais e funcionários eram dependentes dos Governos e constituíam reserva dos seus quadros.

Hoje, o centralismo não é mais apropriado para uma organização sindical unitária.

Fala-se muito hoje contra as nacionalizações. Mas em 1945 elas corresponderam a necessidades da época. Não as houve só nos países de Leste. Houve-as também na Grã-Bretanha, na França e na Itália, por exemplo.

Por outro lado, em Linz foi agora sublinhada a influência do sindicalismo internacional para a eliminação do sistema colonial (Conferência Africana, 1957) e na defesa dos direitos humanos.

Mesmo em relação aos Estados Unidos, lembrou-se que, antes de 1945, os sindicalistas americanos contribuíram para estabelecer relações com o mundo inteiro, nomeadamente com os sindicalistas da América Latina. Só depois é que vieram as tendências anti-comunistas. Com estas mudanças de atitudes, a actividade de investigador tornava-se particularmente difícil. Por exemplo, quanto à Argentina, os Estados Unidos ora entendiam dever cooperar com Peron, ora hostilizavam os peronistas.

Falou-se muito da guerra fria, e da oposição Estados Unidos — União Soviética. Mas também houve quem perguntasse: e o Terceiro Mundo? E a fome? A questão palestina? A descolonização africana?

Em 1945, o sentido de união dos sindicatos tomou igualmente uma posição positiva face ao Terceiro Mundo. Hoje, a situação é propícia para retomar o eixo Norte-Sul em contrapartida ao eixo Este-Oeste.

Movimento Operário e Religioso

Na discussão do 2.º tema — Movimento Operário e Religião — foi sublinhado que a religião e o comunismo estão condenados a coexistir. A ideia de socialismo não morreu, o que morreu foi o socialismo real. A utopia pode ser um perigo, mas é uma esperança. A Bíblia diz que o paraíso se abrirá a todos. O sentimento de transcendência humana aproxima o marxismo e a religião.

A Austria apresenta-se como modelo dessa concepção. Há lá possibilidades de cooperação entre marxistas e católicos. Ambos protestam contra as injustiças sociais. A democracia como resposta aos pobres. A Austria tem actualmente uma posição que é, no Mundo, mais aceite que a dos Estados Unidos: não condena o socialismo.

Outros participantes de diferentes países apresentaram perspectivas sobre o tema e respectivas implicações nacionais.

Em Espanha há que distinguir entre o catolicismo do povo e o dos bispos. A Catalunha considera-se essencialmente anti-clerical, e compara o clericalismo à burocracia comunista.

Na óptica de um egípcio, há incompatibilidades entre o islamismo e a democracia. Nada depende da vontade de cada um, tudo está predeterminado na religião, as decisões não podem ser tomadas por votação. A luta de classes também não existe, porque os muçulmanos são irmãos. Combate-se os cristãos, mas não os inimigos de classe. Contudo, os egípcios são cada vez mais pobres. Para eles não há dualidade socialismo-capitalismo, a opção é o islamismo. Aqui, o principal a combater é o fundamentalismo.

A direita do catolicismo, como a do islamismo, prega a reconciliação, ou seja, recusa a luta de classes.

Mas as gradações são muitas: o catolicismo actual não é o mesmo que o do século passado, nem se pode comparar o da Polónia com o da América Latina. É preciso encontrar uma perspectiva histórica: as diferentes reacções no tempo e nas diversas camadas sociais.

Por seu turno, o socialismo judaico procura integrar o socialismo na religião, enquanto nos países do Leste europeu os problemas religiosos são mal conhecidos. O marxismo apresenta-se para muitos como teoria de libertação da sociedade relativamente à opressão do sistema capitalista.

Há um movimento humanitário de Esquerda.

Na Inglaterra, o movimento operário afirma-se contra a Igreja, não contra a religião. A direita do protestantismo é que limita a acção dos sindicatos, porque estabelece uma teocracia que legitima o poder dos empregadores: é legítimo quando subordinado a Deus; é legítimo tanto o poder do Governo, como o do patronato.

A China também assinala diferenças regionais e temporais na questão religiosa. O importante é saber se a Igreja, seja ela qual for, é contra o capitalismo, ou se é contra a luta dos trabalhadores.

Enfim, seja o budismo ou o catolicismo, seja o judaísmo ou o islamismo, ou trate-se da Igreja Ortodoxa ou qualquer outra confissão, é preciso distinguir entre o aspecto privado da opção de cada uma, e a posição de classe tomada pelas hierarquias. O fundamental é escapar à miséria.

Temas para 1991

A Conferência adoptou para o próximo ano os seguintes temas globais:

- 1 — Mudanças políticas e sociais na Europa do Centro e do Leste: consequências para o movimento operário e a autocompreensão dos seus historiadores;
- 2 — Falsificações e omissões da história como matéria de estudo para os historiadores do movimento operário.

Procura-se assim acompanhar melhor a correspondência entre as temáticas em discussão e a emergência dos acontecimentos, das grandes mudanças que estão a operar-se no Mundo.

CHECOSLOVÁQUIA: AULA PRÁTICA DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

Victor de Sá

Uma autêntica aula prática de história contemporânea sobre um tema checoslovaco da maior actualidade, foi como terminou este ano a 26.^a edição da Conferência Internacional dos Historiadores do Movimento Operário (I.T.H.): quase 150 participantes de 25 países dos diferentes continentes, excepto da Austrália.

A Conferência realizou-se como habitualmente no mês de Setembro, na cidade austríaca de Linz, junto ao Danúbio.

Reunida em 1990 à volta de dois temas — O Sindicalismo depois da 2.^a Guerra Mundial, e Movimento Operário e Religião — e iniciada com a presença do Ministro austríaco da Ciência e Investigação, foi no dia do encerramento que recebeu outro convidado de honra: o historiador e antigo general checoslovaco Dr. Vojtech Mencl, que nesta altura está a presidir, por convite do seu Governo, à Comissão Governamental de Investigação dos Acontecimentos de 1968/69.

Análise dos acontecimentos, porquê? E como? Para quê?

Porque 1968 marca o eclodir de uma crise nacional que nestas últimas décadas atacou o sentimento de identidade nacional dos checos.

PROCURAR A VERDADE

O Governo procura agora uma base concreta e objectiva para a reorientação da vida pública do país.

A identidade nacional precisa de ser restabelecida. E para isso carece-se de verdade histórica. Para humanizar a vida política é preciso ir ao fundo das questões e encará-las com coragem, sem preconceitos e com grande abertura.

Com esta Comissão procura-se então obter uma visão geral da actual sociedade checoslovaca. Detectar as grandes linhas de força que buscam expressão; as distorções e contradições que revelam.

É um trabalho urgente, para o qual o Governo marcou prazo. No próximo Verão, a Comissão deve apresentar-lhe as conclusões a que chegou.

Em tão curto espaço de tempo, a Comissão teve de estruturar-se e planear os seus trabalhos de modo muito eficiente, e foi isso que o Dr. Mencl explicou aos seus colegas. A organização e os métodos seguidos para alcançar resultados objectivos em matéria tão complexa e num prazo tão delimitado. Nisso consistiu a aula prática de história contemporânea.

Um trabalho objectivo sob o actual é muito difícil. Vinte anos são um período curto para um historiador. Falta-nos uma perspectiva larga para inserir os acontecimentos recentes. Sabemos talvez melhor as causas, mas não os fins, como as coisas vão acabar.

Além disso, as personagens intervenientes nos acontecimentos estão ainda vivas e algumas ocupam lugares importantes. Só com muita independência e objectividade se pode trabalhar numa investigação deste género.

Trata-se de um trabalho interdisciplinar. A Comissão é composta por historiadores, sociólogos, politólogos e economistas.

Tiveram que estabelecer etapas muito precisas, e grupos de trabalho especializados.

AS VÁRIAS ETAPAS

Depois de obtida do Governo a garantia de que todos os arquivos, mesmo os secretos, lhe estariam franqueados e com a possibilidade de obter as fotocópias que entendessem, a Comissão estabeleceu como primeiro período, a que chamaram eurístico, o da recolha e análise de documentos.

Dessa recolha resultaria uma segunda fase: da problematização. Quais os problemas que essa documentação revelaria? É necessário detectá-los e esquematizá-los, com vista a análises sistematizadas. Estas preencheriam o terceiro período e seriam confiadas a especialistas.

Por fim, o quarto período tem em vista enunciar um projecto de conclusão. Projecto que será tema para uma conferência pública e de especialistas, que vai ter lugar em Praga na próxima Primavera, antecedendo desse modo as conclusões a apresentar ao Governo no Verão. Nessa conferência preparativa das conclusões também participarão alguns especialistas estrangeiros e representantes governamentais dos países que participaram na ocupação militar do território.

No primeiro período consumiram-se cinco meses na recolha e leitura de documentos.

Além do trabalho arquivístico, constituiu-se um grupo de entrevistadores para ouvir intervenientes nos acontecimentos. Uma recolha de testemunhos orais. Acontece que a memória das pessoas às vezes fazia confundir as datas. Então foi necessário elaborar cronologias apropriadas e enviá-las previamente aos entrevistados e prepará-los psicologicamente.

Quando houvesse contradição entre os dados fornecidos pelo entrevistado e os documentos, então as entrevistas repetiam-se para aprofundar e esclarecer melhor as discordâncias.

Outro grupo encarregou-se da recolha e leitura de jornais da imprensa mundial. E outro ainda percorreu o país e deslocou-se ao estrangeiro a obter os ecos dos acontecimentos e as repercussões que tiveram nas várias regiões do país. Porque não basta detectar o epicentro dos grandes abalos sociais, é preciso ver como eles se repercutiram, que audiência ou rejeição sofreram, que factores regionais condicionaram essas repercussões.

Enfim, todo este trabalho tem sido uma fonte de ensinamentos. Foi preciso preparar entrevistadores. Fez-se uma larga propaganda na rádio, na televisão e outros meios de comunicação, a explicar os objectivos, a solicitar colaborações, nomeadamente a facultações de outros dados (registos, cassetes, etc.) que pudessem enriquecer o inquérito. Em diferentes cidades e regiões do país, a Comissão tem mesmo promovido a realização de seminários com directores de Arquivos, de Escolas, etc., de modo a fazer participar o maior número de pessoas neste trabalho eminentemente colectivo.

O Dr. Mencl sublinhou que os métodos seguidos não seriam necessariamente os melhores, mas os que se afiguraram mais apropriados na conjuntura actual.

UM PROCESSO MAIS CALMO QUE O DA PERESTROIKA

Ressalta do trabalho já efectuado que a década de 1960 foram anos de viragem histórica: começo da modernização industrial e começo do fim da guerra fria.

A agitação da Primavera de Praga em 1968 não resultou de uma crise económica nem social. Não havia tensões nestes domínios. Não havia pobreza, nem desemprego, os níveis de vida eram satisfatórios e bastante equitativos.

As causas foram essencialmente políticas: como ultrapassar a fase do estalinismo. A intelectualidade era a vanguarda do movimento. A repressão é que veio dar mais força às reivindicações.

Os acontecimentos de 1968, com a ocupação militar do território por forças militares de cinco países do Pacto de Varsóvia, terão consistido num projecto revolucionário com incidências na vida do quotidiano. Buscavam uma evolução desse viver quotidiano. Seguíam um processo pacífico que, na opinião do Dr. Mencl, andava melhor que agora (Setembro de 1990) a Perestroika.

A sua extinção terá contribuído para dar força ao brejnevismo em todo o bloco de Leste. Deu força seguramente ao conservadorismo na União Soviética, e veio a traduzir-se na inércia que aconteceu às sociedades do Leste europeu.

Na discussão que se seguiu com a assistência, aquele professor, que foi um resistente anti-fascista quando na juventude fora preciso sê-lo, depois integrado no exército, onde atingiu o grau de generalato, esclareceu que os documentos recolhidos pela Comissão não são passíveis de serem apresentados a Tribunais, embora inversamente os documentos dos Tribunais possam ser consultados pela Comissão. E perguntado sobre a influência do Maio de 68 em Paris, respondeu categoricamente que em 1968 não havia tempo nem disponibilidade na Checoslováquia para acompanhar o Maio de Paris. E também desmentiu que se tenham detectado quaisquer manifestações de semitismo ou de anti-semitismo.

CONFERÊNCIA «LONG DISTANCE MIGRATIONS (1500-1900)»

No âmbito do XVII Congresso Internacional de Ciências Históricas e promovida pela Comissão Interna de Demografia Histórica, decorreu de 29 a 30 de Agosto de 1990, em Madrid, a conferência sobre migrações de longo curso, situando esta problemática numa perspectiva demográfica.

A Conferência, organizada por Antonio Eiras Roel, da Universidade de Santiago de Compostela, teve como base a apresentação de relatórios nacionais ou plurinacionais como forma de estabelecer o «ponto da situação» referente ao estado em que se encontram as investigações em áreas geográficas importantes de emigração e de recepção de migrações. Os relatórios, que supunham encontros preliminares, a nível nacional, de forma a apontar as direcções de pesquisa, os resultados e os problemas em desenvolvimento nos vários países, foram os seguintes: Escandinávia (S. Akerman), Reino Unido (K. Schurer), Irlanda (D. Fitzpatrick), Holanda (J. Lucassen), Bélgica (C. Bruneel), França (A. Poitrineau), Itália (E. Sonnino), Espanha (A. Eiras Roel), Portugal/Brasil (R. Rowland), Suíça (A. L. Head), Alemanha (R. Gehrmann/H. Schultz), Hungria (G. Granasztói), Polónia (L. Trzeciakowski), Canadá (H. Charbonneau), China (M. Cartier), Estados Unidos (R. J. Vecoli) e América Latina (N. Sanchez-Albor-noz). Houve ainda lugar para comunicações livres e para a mesa-redonda de encerramento, a qual contou com a participação de P. Bairoch, J. Dupâquier, H. Charbonneau, Sanchez Albormoz, A. Fauve-Chamoux, entre outros. Subinhe-se, desde já, que a ausência de apenas um relator (A. Poitrineau, de França) não prejudicou a sessão, já que os textos respectivos foram integrados numa publicação distribuída no início aos participantes.

A estratégia adoptada pela organização teve, naturalmente, os seus aspectos positivos e negativos. Entre os últimos, refira-se uma certa superficialidade de alguns

relatórios, inerente à preocupação de abordar um âmbito cronológico tão vasto (1500-1900) e de abranger fenómenos de natureza muito diversa, já que não foi convergente a interpretação do conceito vago de «migração de longa distância», complexo em si mesmo, tendo-se ainda revelado que a análise deste fenómeno é indissociável da análise de outros tipos de migrações, nomeadamente as internas. Acrescente-se, ainda, o «estrangulamento» das comunicações livres, reduzidas a escassos minutos de apresentação, algumas delas salvas pela circulação dos textos respectivos. O saldo é, porém, francamente positivo para as cerca de duas centenas de investigadores que, vindos das mais diversas partes do mundo têm as migrações como centro de interesse, pois puderam confrontar as suas linhas de pesquisa com as tendências de investigação mais actuais nesta área, bem como estabelecer contactos que se revelam sempre frutuozos.

Naturalmente que o interesse pelos vários relatórios é diverso, quer pelo respectivo estágio da investigação, quer porque, no nosso caso pessoal, nos interessava particularmente a análise de modelos mais conformes à realidade portuguesa. De um modo geral, podemos dizer que, após um período de análise em que a emigração era vista como um fluxo agregado e linear, actualmente as tendências da investigação apontam no sentido de uma análise mais fina, de modo a inferir a diversidade de tipos migratórios paralelos ou sobrepostos, valorizando-se as situações de continuidade dos processos tradicionais face à emergência de situações inovadoras, o que só se torna detectável ao nível da micro-análise. A perspectiva regional, no caso inglês, permitiu falar de uma «emigração dual», a partir dos trabalhos de B. Bailyn. As migrações profissionais foram objecto de particular atenção no relatório sobre a Bélgica e o Luxemburgo. No caso francês, volta a ganhar relevo a perspectiva regional e o fenómeno de expatriação maciça de certas comunidades (o exemplo de Barcelonnette). Os estudos micro-sociais e micro-territoriais, baseados na análise da família e dos mecanismos locais, como forma de esclarecer os quadros gerais apresentados pelas análises agregativas estão em pleno desenvolvimento na Itália, Suíça e Escandinávia.

Por último, refira-se que o relatório português foi positivamente recebido, tendo suscitado diversas questões e referências, quer no dia da apresentação, quer na mesa-redonda final. De resto, a diáspora portuguesa foi ainda objecto de comunicações livres, apresentadas quer por portugueses, quer por estrangeiros (neste caso, a expansão portuguesa no Índico, no século XVI, através de Jan Kieniewicz).

Jorge Fernandes Alves

REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESTUDOS MEDIEVAIS

Realizou-se em Braga, nos dias 2 e 3 de Novembro de 1990, a Reunião Anual da Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais que, para além da participação de três investigadoras brasileiras, contou com a assinalável presença de cerca de quarenta associados.

Como já vem sendo tradicional, a manhã do primeiro dia foi consagrada à Assembleia Geral da Sociedade. De salientar que, entre os vários assuntos abordados, foi dado particular relevo à informação sobre as 3.^{as} Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, definitivamente marcadas para o mês de Novembro de 1991 em Sevilha.

Da parte da tarde, teve lugar a primeira das duas sessões científicas programadas para este encontro. Subordinada ao tema genérico de História Rural, e coordenada pelas Professoras Iria Gonçalves e Maria Helena da Cruz Coelho, a sessão desdobrou-se em duas mesas redondas que foram iniciadas, cada uma, por quatro breves exposições a cargo de outros tantos jovens investigadores. Ao primeiro grupo coube a análise de alguns domínios eclesiásticos e de um senhorio laico, enquanto para o segundo ficou reservado o estudo de determinadas regiões. Convirá referir a viva e proveitosa discussão que se seguiu, bem patenteada não só na ampla participação da assembleia, como igualmente nas três horas de debate.

No dia seguinte, pela manhã, seria a vez do Professor Oliveira Marques proferir uma interessante conferência sobre o estado actual da investigação portuguesa no âmbito da História Urbana Medieval, onde ficou bem evidenciado o grande desenvolvimento verificado nesta área nos últimos anos.

Do programa deste encontro, fez parte igualmente uma visita de estudo guiada nos arredores de Braga, que contemplou o Paço da Palmeira, o mosteiro de S. Martinho de Tibães e a igreja de S. Frutuoso de Montélios.

Por último, e já depois do habitual jantar de encerramento, coube à Professora Ivone Marques Dias, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, fazer para os investigadores portugueses uma breve exposição sobre a situação dos estudos medievais no Brasil.

Luís Carlos Amaral

IX COLÓQUIO DO COMITÉ INTERNACIONAL DE PALEOGRAFIA LATINA

Conforme tinha sido deliberado no VIII Colóquio do Comité Internacional de Paleografia Latina, realizado em Madrid — Toledo, em 1987, o IX Colóquio teve lugar no Vaticano, de 20 a 22 de Setembro de 1990, tendo assumido a responsabilidade da organização Mons. Léonard Boyle, da Biblioteca Vaticana, em cuja Biblioteca Velha ou de Sisto IV decorreram as sessões de trabalho.

O que foi este Colóquio melhor se poderá apreciar quando forem publicadas as respectivas *Actas*, cujo rico conteúdo ficará a assinalar os caminhos actuais da investigação nos domínios da Paleografia, que, não sendo absolutamente novos, revelam quanto se tem progredido, permitindo aos mais cépticos e apegados aos conceitos tradicionais verificar que esta ciência tem personalidade própria e não pode ser considerada como mera auxiliar da História.

Já explicámos nas páginas desta revista que o crescente interesse pela Paleografia obrigou a dividir o Comité Internacional, tendo passando a haver, desde 1985, um para a Paleografia Latina e outro para a Grega.

Idêntico interesse se vai notando em Portugal, como revelam as actividades das várias Faculdades, onde é ensinada, tendo sido já elaborada e defendida uma tese de doutoramento em Paleografia, em Coimbra, e algumas de mestrado, em Lisboa. Reflexo desse interesse é também o facto de aumentar a presença de portugueses nestas reuniões, tendo participado neste Colóquio realizado no Vaticano quatro docentes,

representando três Faculdades de Letras: do Porto (José Marques e Maria Cristina de Almeida Cunha), de Coimbra (Maria José de Azevedo Santos) e de Lisboa (António Ribeiro Guerra).

A presença nestes Colóquios, além de possibilitar o estabelecimento de relações profissionais com participantes de outras regiões, permite acompanhar o rumo da investigação desenvolvida nas várias Universidades e centros de estudo europeus e americanos.

Neste sentido, o presente Colóquio, especialmente voltado para a escrita gótica, foi verdadeiramente expressivo do leque de preocupações actuais dos paleógrafos, a nível internacional, bem como da especificidade das investigações em curso, dando-se um grande salto qualitativo, como facilmente se pode verificar, por alguns temas a que faremos rápida menção.

Assim, J. Alturo e A.M-Mundó analisaram o problema da penetração de escrita carolina na Catalunha, descrevendo as diversas formas que se foram introduzindo nas letras e nos textos em que a carolina e a visigótica convivem, acompanhando a evolução da carolina caligráfica e a sua evolução para a gótica ou pós-carolina ou proto-gótica, aparecendo, já na 2.^a metade do século XII, uma escrita claramente *cursiva*, tendo-se a mudança dado por duas vias: quer através de uma evolução lenta, quer por corte, rompimento ou abandono mais ou menos rápido de um determinado tipo de escrita. O segundo processo é mais raro, mas actua de uma forma mais célere e eficaz, ficando a dever-se a factores de natureza sócio-política, que introduzem novos aspectos culturais.

Por sua vez, O. Mazal traçou o quadro da tipologia e hierarquia das escritas correntes, da librária e da bastarda na Áustria.

Diversas comunicações trataram expressamente certos sinais de abreviatura. Tal foi o caso de R. Wiellock ao dissertar sobre *Le signe abrégatif 'ur' dans la famille italienne des mss. de la «Summa theologiae» d'Albert le Grand*. Na mesma linha da micro-Paleografia e da perspectiva da Paleografia quantitativa situou-se também a comunicação de G. Battelli *Le abbreviazioni nel periodo della scrittura gotica*, que tomou como campo de observação para a sua elaboração vários códices dos séculos XII-XIV e submeteu a conveniente tratamento estatístico os elementos obtidos. Neste domínio situam-se, além de outros, os estudos apresentados por M. B. Parkes, de Oxford, subordinado ao título *Punctuation and the dating of hands in the Gothic periode* e por D. Muzerelle sobre *L'obsolescence de la perluette & dans les manuscrits français du XII^e siècle*, que, por outras palavras, procurou estudar as origens do termo *perluette* ou *taquigrame*, tendo, para o efeito, dividido a França em sete regiões e registado a frequência com que o mesmo aparece em cada uma delas, sobressaindo logo a sua maior frequência e precocidade nas regiões do sul.

Após minuciosa análise dos dados quantitativos, o autor estabeleceu diversas correlações e conclusões, que não é viável registar nesta breve notícia.

Em boa verdade, cada uma das numerosas comunicações — algumas das quais despertaram animados diálogos, nem sempre de concordância — pretendia trazer novos e sugestivos elementos, mesmo quando discutíveis, seja quanto ao velho problema da pontuação no período medieval, seja acerca do *colofon*, para cujo estudo os dados quantitativos se revelaram extremamente úteis, permitindo sugestivas e esclarecedoras conclusões.

Aspecto intensamente tratado foi o da datação de códices não datados e do contributo que a Paleografia pode oferecer nesse sentido.

Nesta secção se integrou a comunicação de M. J. Azevedo Santos, que incidiu sobre *Chartes datées, manuscrits non datées (IX^e-XI^e s.)*, na qual procurou detectar até que ponto, a partir da análise da documentação avulsa, devidamente datada, será

possível datar códices não datados. Embora se trate de uma proposta interessante, temos de reconhecer que, no momento das conclusões, a autora se mostrou muito prudente e cautelosa.

Em síntese, poder-se-á dizer que as grandes áreas abordadas neste Colóquio foram a escrita gótica em si própria, com os respectivos sinais de abreviatura, problemas de pontuação, de produção, ilustração e datação de códices, sem esquecer muitos outros temas de relevante interesse, como os do *colofon*, que não pode ser apreciado com a superficialidade e ligeireza com que, por vezes, já tem sido feito, ou mesmo os antecedentes do acto de escrever, de que se ocupou A. Ribeiro Guerra, com a comunicação *In limine conscriptionis*.

A realização deste Colóquio no Vaticano foi saudada com entusiasmo logo ao ser anunciada em Madrid, em 1987, pois seria uma excelente ocasião de se poder apreciar um significativo número dos preciosos códices, conservados na famosa Biblioteca Vaticana. E, defacto, não fomos iludidos nesta expectativa, pois a impressionante exposição preparada para esta manifestação científica e cultural, num cenário maravilhoso, constituído por uma vasta e artística galeria conducente à famosa Capela Sistina, onde as magistrais explicações dadas pelo principal responsável pelas obras de restauro, ajudaram a gravar de tal forma as suas imagens no espírito de quantos tiveram a felicidade de fazer esta visita que dificilmente a poderão esquecer.

Nestes Colóquios, há sempre um conjunto de iniciativas da exclusiva competência dos membros do Bureau, sendo algumas divulgadas na sessão de encerramento e outras comunicadas mais tarde aos membros, após conveniente ponderação. Entre as primeiras, conta-se o anúncio das novas admissões, sempre condicionadas por diversos factores, de que o número de vagas existente é preponderante. Com a admissão do signatário, ficou, de algum modo, renovada a representação portuguesa, que até agora tem sido assegurada apenas pelos Profs. Doutores Avelino de Jesus da Costa e Isaías da Rosa Pereira.

Além desta notícia, é agradável verificar que o generalizado incremento dos estudos paleográficos levou o Bureau a encarar a hipótese de criar uma *Associação internacional de paleógrafos*, em articulação com o Comité, que lhe dará os estatutos e fixará as regras de funcionamento, já que do ponto de vista científico, em princípio, os seus próprios estatutos continuarão a ser o grande referencial.

A concretização deste projecto, terá, por certo, grande impacto entre os paleógrafos e abrirá caminho ao processo de *normalização*, cada vez mais forte através da Europa e de outros centros de investigação, de que, por múltiplas razões, não poderemos permanecer isolados.

Do que nesta matéria for decidido dar-se-á, oportunamente, adequada informação.

José Marques